


DESVELANDO TESOuros: O VALOR INERENTE DE *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

UNVEILING TREASURES: THE INHERENT VALUE OF *TORTO ARADO* BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR

DESCUBRIENDO TESOROS: EL VALOR INERENTE DE *TORTO ARADO* DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

 Pablo Emmanuel Araújo Dias<sup>1</sup>

1. Mestre em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). E-mail: [tipabloemmanuel@gmail.com](mailto:tipabloemmanuel@gmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo, foi explorado alguns aspectos do romance *Torto arado*, de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019, com o interesse de ressaltar a relevância dessa obra que está não apenas em uma escrita fluída, de sucesso, mas também do seu valor, seja ele no campo individual, cultural, político ou ideológico. As reflexões aqui realizadas também direcionaram o nosso olhar para compreender o percurso do romance na qual é considerado pelos críticos um fenômeno da literatura contemporânea no Brasil. Inicialmente, apontamos reflexões sobre o romance e o seu papel social, tendo em vista que faz parte da literatura Regionalista. Em seguida, procuramos entender como foi o processo de criação da obra, o seu discurso interliterário e, por fim, o seu valor. Neste último, buscamos textos de críticos brasileiros que ressaltam a importância e o valor que *Torto arado* tem para a literatura nos dias atuais. As perspectivas teóricas que permeiam o estudo são as obras de: Spivak (2010), Aleksievitch (2016), Marchetto (2018), Ribeiro (2019), Candido (2009), Santini (2011), Jobim (2013), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica literária; Itamar Vieira Junior; Literatura Brasileira Contemporânea; *Torto Arado*.

**ABSTRACT:** In this article, we explored some aspects of the novel *Torto Arado* by Itamar Vieira Junior, published in 2019, with the aim of highlighting the relevance of this work, which goes beyond its fluid and successful writing, encompassing its value on individual, cultural, political, and ideological levels. The reflections presented here also shed light on the trajectory of the novel, which is considered by critics as a phenomenon in contemporary Brazilian literature. We initially discussed reflections on the novel and its social role, considering its place within Regionalist literature. Then, we sought to understand the creative process of the work, its interliterary discourse, and ultimately its value. In the latter part, we examined texts by Brazilian critics who emphasize the importance and value that *Torto Arado* holds for literature in contemporary times. The theoretical perspectives that underpin this study draw from works by Spivak (2010), Aleksievitch (2016), Marchetto (2018), Ribeiro (2019), Candido (2009), Santini (2011), Jobim (2013), among others.

**KEYWORDS:** Literary criticism; Itamar Vieira Junior; Contemporary Brazilian Literature; *Torto Arado*.

**RESUMEN:** En este artículo, se exploraron algunos aspectos de la novela *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior, publicada en 2019, con el objetivo de resaltar la relevancia de esta obra, no solo en términos de su escritura fluida y exitosa, sino también en relación a su valor, ya sea en el ámbito individual, cultural, político o ideológico. Las reflexiones aquí presentadas también dirigen nuestra mirada hacia la comprensión del recorrido de la novela, considerada por los críticos como un fenómeno de la literatura contemporánea en Brasil. Inicialmente, se abordaron reflexiones sobre la novela y su papel social, dado que forma parte de la literatura regionalista. Luego, se procuró comprender el proceso creativo de la obra, su discurso interliterario y, finalmente, su valor. En este último aspecto, se recurrió a textos de críticos brasileños que destacan la importancia y el valor que *Torto Arado* tiene para la literatura en la actualidad. Las perspectivas teóricas que impregnan este estudio se basan en las obras de Spivak (2010), Aleksievitch (2016), Marchetto (2018), Ribeiro (2019), Candido (2009), Santini (2011), Jobim (2013), entre otros.

**PALABRAS CLAVE:** Crítica literaria; Itamar Vieira Junior; Literatura brasileña contemporánea; *Torto Arado*.

Recebido em: 26/05/2023

Aprovado em: 09/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

## **TORTO ARADO COMO TRADUÇÃO CRÍTICA DA REALIDADE SOCIAL**

Desde que as encarou de frente, a literatura brasileira nunca deixou de retratar o infortúnio dos mais necessitados e marginalizados, especialmente das populações rurais, que personificavam, como nenhuma outra, nossa realidade desfavorável. No entanto, recentemente, os grupos marginalizados das periferias das grandes cidades têm ganhado destaque nas discussões literárias. Nas últimas décadas, o Brasil se tornou predominantemente urbano, e o fracasso das aspirações desse processo, que prometia superar nosso subdesenvolvimento, se torna visível e é a principal matéria da representação de nossas dificuldades. Uma das descobertas mais notáveis no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, é deslocar o olhar dos grandes centros urbanos para o interior do país, resgatando e se afiliando, de maneira única, à tradição dos chamados romances regionalistas, que durante muitos anos moldaram as reflexões sobre os rumos do país.

Neste sentido, na qual resgata-se os romances regionalistas, trata-se de conquistar cada vez mais espaço no cânone literário brasileiro, de forma que venha contribuir para a crescente produção e inclusão das literaturas minoritárias nos espaços culturais e sociais. De modo que seja possível outras vozes “falar por”, que para Spivak (2010, p. 31) é fazer o deslocamento dos sujeitos marginalizados para o centro, em posição de protagonismo, que em atos de falas possam ser representados por personagens da ficção literária, que permitam a inclusão de sua diversidade cultural e seu protagonismo histórico que nem os anos de escravidão conseguiram apagar.

Os chamados grupos identitários têm adotado uma estratégia política de revalorização e apropriação daquilo que historicamente foi utilizado como instrumento de dominação e subjugação. Itamar Vieira Junior aborda em sua obra a questão crucial de como reivindicar a terra, desafiar sua condição opressora e convertê-la em um emblema de liberdade. Tornou-se impossível ignorar que a cultura permeia a política, tendo um impacto fundamental em nossa percepção do sensível, dos espaços e do poder.

O livro *Torto Arado* explora a conexão entre memória e afeto através da terra, entrelaçando identidade e religiosidade em uma narrativa que une o político e o lírico. Dividido em três partes, cada uma delas é narrada por personagens com perspectivas distintas sobre a terra. As irmãs Belonísia e Bibiana, mais vulneráveis e dependentes dos ciclos de seca e abundância, e uma entidade do jarê que observa tudo, seja dos céus sobre a região onde se desenrola a história, seja como a alma de alguns, incluindo aqueles escolhidos para serem seus cavalos. Esse encontro entre o material e o espiritual desencadeia o drama central da narrativa: a busca por significado do território através da consciência de pertencimento e da identificação cultural, econômica e religiosa com a terra.

A identificação entre os sujeitos negros na narrativa emerge da conexão entre suas memórias, à medida que reconhecem trajetórias e opressões compartilhadas. Belonísia e Bibiana vivem na Fazenda

Água Negra em um regime de semisservidão, uma condição imposta aos seus antepassados que migraram para lá após serem libertos da escravidão, mas continuaram presos às injustiças de uma sociedade que negligencia a justiça social e racial. Esse passado se materializa na presença surpreendente e trágica da faca da avó Donana, um objeto envolto em um tecido manchado de sangue, guardado debaixo da cama da dona. Essa faca representa uma encruzilhada, simultaneamente conectada ao passado e ao futuro: evoca memórias, desejos e injustiças associadas às condições raciais e de gênero da avó, enquanto também molda o destino das irmãs, marcado por relações solidárias que ocasionalmente são abaladas por desentendimentos relacionados à comunicação.

A terra desempenha um papel central e poderoso neste romance. Além de ser uma questão universal que atravessa diferentes povos e origens, a terra também assume um significado metafórico. Ela representa não apenas o solo que pisamos, mas também o chão de nossa casa, o local onde estamos enraizados. O acesso à terra é um direito fundamental de todos os seres humanos, uma questão com a qual todos precisam lidar em algum momento.

*Torto Arado* está diretamente ligado às pessoas envolvidas nessa luta, que buscam a diminuição da desigualdade e enfrentam diversas questões relacionadas à terra. É sabido que o Brasil teve dois planos de reforma agrária, um na década de 80 e outro no início dos anos 2000. Embora esses planos tenham sido implementados, eles foram posteriormente abandonados por alguns governos negligentes. A violência no campo é uma realidade constante, e está diretamente relacionada à destruição dos biomas, como a Amazônia e o Pantanal, pelos grandes latifundiários que se dedicam à produção de commodities. A questão da terra e do direito à terra está intrinsecamente ligada a uma série de problemáticas, como as questões ambientais e a redução das desigualdades. Essas problemáticas afetam numerosos brasileiros e são as causas subjacentes de nossas imensas desigualdades sociais.

É nesse sentido que o valor do romance *Torto arado* começa a ser produzido por uma crítica leitora de obras como a que está em análise porque torna presente uma tradição que é revista sob outra perspectiva: se, para o *regionalismo* de 1930, eram a seca, questões climáticas, êxodo rural e latifúndio que impregnavam as questões romanescas representadas pelas narrativas da época como *Vidas secas* (Graciliano Ramos), *O quinze* (Raquel de Queiroz), dentre outros, em *Torto arado* vê-se a questão mais politicamente posta no discurso, sem subterfúgios, diretamente apontando o direito à terra, mesmo que as pessoas/personagens que reivindicam esse lugar sejam habitantes da cidade (dessa forma, já não teríamos o êxodo rural como na literatura de 30) ou sem-teto.

Ao atualizar a temática, numa dinâmica estabelecida entre a tradição e a modernidade, o romance encontra apoio em vários segmentos leitores e, assim, apesar de o tema agrário ser tradicionalmente restrito ou quase exclusivo da literatura do período já citado, *Torto arado* evoca uma atuação política e ativista em

torno de uma narrativa que sugere a leitura do mesmo (regionalismo e direito à terra) à luz de uma postura outra – dando voz às personagens e narradores para que estes possam arrebanhar para si uma consciência mais madura sobre seus lugares no mundo.

## O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE *TORTO ARADO*

Itamar Vieira Junior deu início à escrita de *Torto Arado* há mais de vinte anos, quando contava com apenas 16 anos. Influenciado pela leitura de romances regionalistas das décadas de 1930 e 1940, como os de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo, o autor retratou a negligência social do país em relação às pessoas vulneráveis às adversidades climáticas, à pobreza e à seca. O romance explora as raízes da diáspora africana e atribui aos seus personagens, especialmente as mulheres, um papel de agentes ativos, não de meras vítimas. Entre romances, amizades, violências e crenças, eles reivindicam o direito de contar suas próprias histórias.

A experiência de Itamar Vieira Junior no campo culminou em sua defesa de tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos na UFBA em 2017. Sua pesquisa aprofundou-se no estudo das comunidades quilombolas, revelando uma referência literária e inspiração em Svetlana Aleksievitch. Essa conexão com a escritora bielorrussa pode ter influenciado o processo criativo e a escrita de *Torto Arado*. Podemos refletir sobre essa interligação por meio da seguinte passagem presente na tese:

[...] Quanto a mim, eu me dedico ao que chamaria de história omitida, aos rastros imperceptíveis da nossa passagem pela Terra e pelo tempo. Escrevo os relatos da cotidianidade dos sentimentos, dos pensamentos e das palavras. Tento captar a vida cotidiana da alma. A vida ordinária de pessoas comuns (ALEKSIEVITCH, 2016, p. 40).

Dessa forma, Aleksievitch (2016) se dedica a coletar depoimentos das pessoas comuns, que muitas vezes são silenciadas e ignoradas, com o objetivo de contar um outro lado da história. Essa abordagem historiográfica é amplamente encontrada em produções científicas a partir da década de 1960, como os trabalhos dos autores de micro-história, por exemplo. Em uma passagem destacada, ela afirma: "O que me interessa é o indivíduo comum. O indivíduo comum extraordinário, eu diria, pois é no sofrimento que ele se torna maior."

Pessoas que não possuem um status social elevado narram suas próprias histórias durante momentos de sofrimento, e essas histórias acabam sendo incorporadas à obra literária. Esse aspecto da escrita pode ser observado ao ler as obras de Aleksievitch: a polifonia, ou seja, o coro de vozes. Como apontado por Arthur Marchetto (2018, p. 07), a polifonia é um recurso estilístico característico da literatura soviética: "O romance polifônico não faz com que a voz do narrador se sobreponha às vozes dos personagens...". É como um coro de vozes múltiplas, onde questiona-se a autoria individual, pois trata-se de uma obra aberta à

construção coletiva. Dessa forma, Aleksievitch (2016, p. 44) promove uma ruptura com a literatura ao afirmar: "Aqui, não temos o direito de inventar. Devemos mostrar a verdade como ela é. É necessária uma supraliteratura, uma literatura que vá além da literatura. É o testemunho que deve falar." Em outras palavras, ao ser uma autoria coletiva, com pessoas comuns narrando seus momentos de sofrimento, rompe-se com a criação individual do escritor.

Não há mais dúvidas de que Vieira Junior incorpora esse compromisso com as pessoas comuns que sofrem, resultado de um sistema de servidão. Esse engajamento político o acompanha em sua atuação como agente público, pesquisador e escritor. Ele também coleta narrativas que revelam outro lado da história, a partir da perspectiva desses sujeitos invisibilizados. Em *Torto Arado*, encontramos diversas falas de quilombolas, o que Itamar descreve como uma justaposição de narrativas, semelhante ao coro de vozes da escritora bielorrussa. No entanto, Vieira Junior não pretende romper com a literatura ou abrir mão do direito de inventar, pois incorpora as situações comunitárias e as vozes dos quilombolas em uma narrativa previamente imaginada.

O ato de performar uma voz que atue em favor de um agenciamento quilombola já envolve o autor e a obra de um caráter dissonante no que diz respeito aos temas clássicos da literatura, isso porque defender ou ceder lugares de vozes periféricas na literatura, tornando-as protagonistas de si, é um processo incorporado ao campo das letras e artes no cenário contemporâneo. Aliar um lugar de fala (RIBEIRO, 2019) quilombola ao contexto espacossocial em que essa fala se insere – espaço regional, questões e lutas agrárias, com um linguajar próprio, uma política de enfrentamento do outro própria – torna a obra ainda mais detentora de motivos que a superelevam na discussão em torno do valor da obra literária em tempos atuais.

## O DIÁLOGO INTERLITERÁRIO DA OBRA

Há algum tempo, o renomado autor Alfredo Bosi, em sua obra canônica "A História Concisa da Literatura Brasileira", destacou a persistência do regionalismo no campo literário ao longo do século XX. Esse subgênero popular exerceu influência até mesmo no movimento Cinema Novo dos anos 1960. Aprofundando essa perspectiva, assim como fez Antônio Candido, as narrativas situadas no sertão e na zona rural foram fundamentais para a percepção da "consciência do atraso" e apresentaram uma visão pessimista de uma realidade a ser superada. Foi o romance da década de 1930, com autores como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, que retratou de maneira mais precisa o subdesenvolvimento do país. Essa abordagem crítica estimulou intelectuais e políticos brasileiros de diferentes gerações, embora esteja um tanto desatualizada nos dias de hoje.

*Torto arado* estabelece um diálogo com outras obras literárias, sendo influenciado pelo diálogo interliterário. A crítica frequentemente relaciona a linguagem e a temática do livro a autores como Rachel

de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Jorge Amado, situando-o dentro da tradição brasileira do regionalismo, especialmente nas fases II e III do Modernismo e no Neorrealismo. No entanto, após uma análise mais aprofundada, é menos comum encontrar comparações com Guimarães Rosa, uma vez que o uso da linguagem em *Torto arado* não alcança o mesmo nível de radicalidade dos experimentos estilísticos de Rosa. Esse aspecto é relevante, pois nas discussões críticas sobre o regionalismo que surgiram "a partir da década de 90 [...], há a ideia de que o regionalismo teria sido 'superado' com a narrativa de Rosa" (SANTINI, 2011, p. 81), como resumido pela estudiosa do regionalismo Juliana Santini. Portanto, podemos afirmar que a literatura de Itamar Vieira Junior estabelece um diálogo mais direto com o regionalismo pré-Guimarães Rosa.

Essa discussão chama outras, se expande em determinadas querelas, como as discutidas por críticos literários como José Luiz Jobim, Eduardo Coutinho, Marilene Weinnhardt e outros, em livro organizado por Lúcio & Maciel (2013). Refletindo sobre o aspecto regionalista, em diálogo com o global, Jobim (2013, p. 22) expressa que “um dos perigos do regionalismo é o engessamento de uma representação identitária, algumas vezes emanada de uma voz autoral sacralizada”. Como se vê, o caso se distancia de *Torto arado* pelos dois aspectos apresentados: primeiro, há uma expressiva discursividade regionalista no romance sem engessar uma identidade, mas problematizar anseios políticos e sociais de grupos periféricos; segundo; a temática regional não emana de uma voz de autoridade, mas de alguém que começa a ser reconhecido no meio literário pelo valor da obra atribuído por leitores especializados e, assim, a temática restrita a um momento cultural continua se expandido através de vozes que resgatam o evento regionalista na literatura de ficção contemporânea.

No entanto, a importância do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea é indiscutível. A professora Tânia Pellegrini, especialista no assunto, destaca que o Regionalismo ainda está presente na literatura atual ao comparar as obras de Graciliano Ramos e Milton Hatoum (resumido por Santini). Isso se reflete na narrativa Regionalista, que se compromete em retratar a realidade e destacar o subdesenvolvimento em regiões com particularidades socioeconômicas, simbólicas, culturais e imaginárias (SANTINI, 2011, p. 82, citando PELLEGRINI, 2008).

Além disso, o romance é frequentemente associado ao Realismo mágico latino-americano, devido à presença de elementos fantásticos na trama e ao ambiente marcado pelo subdesenvolvimento resultante de sua história colonial. Essa herança histórica também ressalta a importância do folclore, dos mitos populares e das influências da espiritualidade africana e da superstição ibérica, formando uma rica diversidade cultural na América Latina.

No entanto, o próprio autor de *Torto arado*, Itamar Vieira Junior, rejeita a classificação do romance como Realismo mágico. Ele recorre ao perspectivismo antropológico, um conceito explorado em seus

estudos de doutorado, para argumentar que o que alguns leitores interpretam como mágico é simplesmente parte da realidade.

[...] Eu não chamaria isso de Realismo fantástico simplesmente porque não concebi o livro dessa forma enquanto o escrevia. [...] No jarê, essa dimensão, que para o leitor pode parecer mágica, é algo que faz parte do cotidiano. [...] Para esses personagens, isso é uma realidade muito plausível. Costumamos dizer que é Realismo mágico, mas para mim só interessava o Realismo, e o Realismo para esses grupos é assim. É isso que está presente. Tudo o que acontece é plenamente possível na cosmovisão deles (VIEIRA JUNIOR, 2021).

O passado colonial e a conexão com a ancestralidade africana são temas recorrentes no romance, considerando que os personagens são quilombolas. O autor expressa sua intenção de dar voz às vidas negras (VIEIRA JUNIOR, 2021). É interessante notar que essa declaração foi feita em uma entrevista no programa Roda Viva, poucos meses após o movimento Black Lives Matter ganhar destaque nos Estados Unidos. Os protagonistas de *Torto arado* são descendentes de escravizados, cujas vidas são profundamente influenciadas pelo legado recente do colonialismo. Essa condição social pode ser descrita como "colonialismo interno", termo cunhado pelo sociólogo mexicano Pablo González Casanova, no qual as relações de exploração da terra e do trabalho seguem lógicas semelhantes às da época da escravidão. No romance, observamos como os donos da fazenda simplesmente passaram a chamar os escravos de trabalhadores (VIEIRA JUNIOR, 2021).

O Jarê, como uma prática religiosa de origem africana exclusiva da região da Chapada Diamantina, em localidades como Lençóis, Mucugê, Palmeiras e Iracuará, confere à temática uma dimensão regionalista no sentido mais amplo. Por se tratar de uma prática religiosa, há uma linguagem, culto e dinâmica específicos e regionalmente localizados, o que, de uma perspectiva mais ampla, se torna um valor literário não apenas agregado, mas desenvolvido pelo autor do romance em questão. Isso demonstra um compromisso político e social com grupos que, periféricamente, vivem em condições precárias, estabelecidos em determinadas regiões para praticarem sua religião, em desacordo com os grandes discursos ou doutrinas religiosas desenvolvidos principalmente nas cidades. Reconhecer essa prática é uma forma de valorizar a alteridade, a cultura do outro e, ao mesmo tempo, valorizar o texto em que se insere a representação.

### **TORTO ARADO E O SEU VALOR**

É sabido que a ideia de quaisquer livros, ao serem publicados, fazem a sua trajetória independentemente de seu autor, e esse caminho pode ser de sucesso ou insucesso. Por outro lado, sabe-se que o sucesso de um livro se faz independentemente das avaliações críticas que recebe. Às vezes, tal obra recebe críticas positivas, e a sua venda é um fracasso; outras vezes, apesar das restrições da crítica, torna-

se um sucesso de vendas e os comentários dos leitores constroem a sua venda. Isso em se tratando da questão mais comercial, porque há uma grande parcela de autores e autoras que, apesar de pretenderem ser lidos, não estão amarrados a questões mercadológicas, como apontou Silva (2021) em trabalho recente.

A análise crítica de uma obra é um processo complexo e passa por diversos filtros distintos. A crítica desempenha um papel importante ao divulgar obras, desafiar o poder do mercado e apresentar pontos de vista alternativos. Acima de tudo, a crítica contribui para a discussão da arte e do seu estado atual.

A crítica de uma obra é uma leitura inserida no contexto de seu tempo e, por vezes, é influenciada por leituras prévias. Ou seja, a leitura atual se combina com leituras acumuladas. Mesmo no caso de obras que nunca foram estudadas, sua leitura está inserida em um conjunto de leituras que não se restringem apenas à obra em si, mas também ao objeto literário dentro do discurso institucional e dos limites do seu campo. Cada período histórico produz e dissemina sua literatura por meio de técnicas e instituições disponíveis, conferindo-lhe características particulares (PELLEGRINI, [s.d.]).

*Torto Arado* trouxe um imenso sucesso para Vieira Junior, sendo reconhecido com três importantes prêmios: Prêmio LeYa, Prêmio Jabuti e Prêmio Oceanos. Além do impacto positivo alcançado por essa obra, o autor despertou o interesse das novas gerações por um passado frequentemente negligenciado nos livros de história. Os temas abordados pela narrativa interseccional do romance ressoam com as realidades que ganharam destaque em 2020, um ano marcado pela pandemia e por crescentes demandas sociais, como o assassinato de George Floyd em maio, a negligência do governo em relação a grupos indígenas e quilombolas, e a desigualdade social evidenciada pelo surto de Covid-19.

Em uma entrevista ao *Contraponto*, jornal laboratorial do Curso de Jornalismo da PUC SP, em março de 2021, Regina Decastagnè explicou o sucesso do romance:

"[...] A recepção que o livro teve, tanto da crítica quanto dos leitores, está relacionada ao fato de o romance dialogar com demandas políticas reprimidas, como a necessidade de uma representação mais sofisticada das questões raciais e de gênero [...] é essa construção política e estética que o torna tão interessante e importante para a literatura brasileira como um todo" (DECASTAGNÈ, 2021).

A trama evoca a representação universal do luto. O autor afirmou em uma entrevista ao programa *Roda Viva* que o maior tema da literatura é "o luto que vivemos desde sempre. Algo que chega ao fim". Suas palavras dialogam diretamente com o momento de pandemia que estamos vivendo, no qual o romance reflete a constante sensação de perda.

As questões abordadas no romance não são novas na literatura brasileira contemporânea<sup>1</sup>, assim como nas literaturas das décadas de 30 e 40, como mencionado anteriormente. Isso é evidenciado pela

---

<sup>1</sup> De imediato, é importante esclarecer que a ideia de contemporaneidade, inclusive no campo literário, vem a nós através dos estudos teóricos de Giorgio Agamben, na qual revela para essa palavra uma concepção completamente da usual. Se, a recorrência no uso, essa palavra se DIAS, P. E. A. Desvelando tesouros: o valor inerente de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. *Open Minds International Journal*. vol. 4, n. 2, p. 129-140, Mai, Jun, Jul, Ago/2023.



popularidade do ensaio "Pequeno manual antirracista", da filósofa e ativista negra Djamila Ribeiro, que figurou na lista dos mais vendidos em 2020, o mesmo ano em que ela foi agraciada com o Prêmio Jabuti na categoria de ciências humanas.

As editoras independentes e de pequeno porte desempenham um papel fundamental nessa produção, permitindo uma maior liberdade para os escritores em relação às suas obras, conforme discutido por Silva (2021). Isso possibilita a publicação de obras com propostas distantes da concepção tradicional do mercado. Todavia, a questão regional parece ter sido o foco sobre o qual os holofotes da crítica imediata lançaram luzes sobre a obra, a exemplo de Tavares (2021), que relaciona o romance em estudo a uma discussão aprofundada sobre o Brasil agrário e suas relações com a fome, a miséria.

Da mesma forma que Tavares (2021), Tolentino (2021) observa em *Torto arado* um mergulho no Brasil agrário formado por populações ou comunidades afrodescendentes e de doutrina religiosa de mesma origem. Na visão da crítica, o autor do romance procura espelhar em sua escrita uma discussão pertinente por ainda o Brasil não ter sido justo com populações como as representadas no romance, que ajudaram na formação da identidade brasileira, mas continuam sem chão para morar, sem direito para rezar a partir de suas crenças, sem moradia e trabalho dignos. Pedreira é quem se expressa para sintetizar as falas sobre o romance da seguinte maneira:

[...] “as questões abordadas por *Torto arado*, como injustiça, desigualdade e escravidão, transcendem as fronteiras do Brasil, sendo universais em todos os tempos e lugares. Por exemplo, em Portugal, durante a ditadura salazarista, a situação dos trabalhadores rurais nos latifúndios do Alentejo é perfeitamente comparável à vivida por Bibiana e Belonísia.” (PEDREIRA, 2019).

Vê-se, então, todo um aparato discursivo em torno de um mesmo tema, o regionalismo, que parece marcar o romance de Itamar Vieira Júnior, foi bastante comentado por uma vertente especializada da crítica pelo autor assumir essa perspectiva que redimensiona a noção de regional em um tempo em que se fala muito, e ainda, de globalização, como questões locais fossem menos importantes diante de toda uma superestrutura global que os discursos políticos e econômicos colocam como universais.

Cagianó (2019) e Reis (2021) constroem uma resenha em torno do romance a partir dessa mesma perspectiva, a regional, ou seja, não há como desdizer o fato de que o aspecto rural do Brasil representado é o que coloca em evidência, para os leitores especializados citados aqui, a escrita do autor. Talvez o valor

---

relaciona a algo ou alguém que se restringe a atualidade ou a um determinado período histórico cujo início é demarcado pelo final do século das luzes, em Agamben recebe outra significação, que diferente bastante das frequentemente registradas pela maior parte dos dicionários. Para Agamben, a contemporaneidade, defendendo um sentido bastante interessante, é aquele que não coincide perfeitamente com o seu próprio tempo e nem se adequa às suas pretensões, constituindo-se desse modo como inatual, um ser deslocado e anacrônico. De acordo com o filósofo italiano, é precisamente por conta desse deslocamento e desse anacronismo que o verdadeiro contemporâneo é “capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Sob essa perspectiva, a contemporaneidade é vista como “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

DIAS, P. E. A. Desvelando tesouros: o valor inerente de *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior. Open Minds International Journal. vol. 4, n. 2, p. 129-140, Mai, Jun, Jul, Ago/2023.

da obra em construção se dê pela ausência rotineira de determinadas escritas que se filiem a esse modo de falar de problemas de brasileiros. Como a tônica regionalista é considerada, de modo mais amplo, até Guimarães Rosa, com *Grande sertão: Veredas*, é como se depois dessa narrativa o regionalismo arrefecesse, caso que não se vê, pelos comentários, nessa obra de Vieira Júnior. Principalmente porque o aspecto regional vem atravessado por questões religiosas e étnicas.

### Considerações Finais

O romance *Torto Arado* proporciona reflexões que emergem através dos silêncios, gestos e afetos presentes na cumplicidade entre mulheres vítimas de violência, nos mistérios da religião e na solidariedade entre pessoas que se identificam com uma identidade historicamente marginalizada. A obra enfrenta um grande desafio literário ao abordar questões políticas fundamentais, lidar com expectativas em relação à representação e, ao mesmo tempo, preservar a opacidade e a liberdade da imaginação artística.

Antônio Candido (2009) já havia apontado a construção do sistema literário brasileiro, estabelecendo um valor a ele, a partir do tripé autor-obra-leitor. É evidente que outros elementos podem ser somados a essa visão ternária para poder se expandir enquanto argumento que consolida ou solidifica uma visão de literatura. Não é preciso ir longe para ver que Hans Jaus, a partir da estética da recepção, dimensiona um valor literário a partir da relação do leitor com o texto, quando aquele assume uma postura crítica de se posicionar diante do objeto lido.

De maneira mais crítica e menos didática, Márcia Abreu, em *Cultura letrada*, aborda o tema do valor literário como um discurso histórico, ou seja, a visão que se tem é pertinente ao tempo de projeção do texto, aos valores fixados social e culturalmente naquele momento, às visões que as pessoas constroem e ajudam a perpetuar a partir do tempo em que o texto “é posto à prova”. Em um exemplo dado, a crítica literária ilustra o fato de um texto de Machado de Assis ser enviado a uma editora sem a autoria da escrita. A pessoa responsável pelo parecer se negou a publicar um texto machadiano acreditando-o não ser comercializável no tempo a que a crítica se refere porque o estilo e a temática estariam dissonantes com o momento da leitura (atualizada). Vê-se, então, que mesmo um figurão da literatura, fora do seu tempo e do seu sistema literário credenciado e diuturnamente sistematizado pelos cursos de letras e por pessoas apaixonadas pelo autor e suas obras, não encontra valor em uma leitura voltada para atender o comércio livreiro, os leitores em potencial.

Da mesma forma, ainda falando sobre o valor da obra, Leyla Perrone-Moisés constrói uma visão que pode até ser questionada, quando se aprofunda a discussão em torno do tema. Ela afirma em obra de 2016 que nos tempos de agora nunca foi tão fácil escrever e, dentro dessa facilidade, escrevem-se sobre

questões banais e, ao mesmo tempo, há a possibilidade de textos “dignos de nota” surgirem. O que a crítica estaria chamando de texto “digno” e de “banal”? o que está em jogo nessa perspectiva de valor da obra?

No caso de *Torto arado*, expandindo essa discussão de Perrone-Moisés (2016), o romance seria digno de nota por ter recebido elogios da crítica especializada e ter sido premiado a seu tempo? Ou a temática regionalista (fora do foco das décadas iniciais do século XX) e religiosa (o Jarê) da escrita, por traduzirem uma reivindicação de direitos de pessoas pretas, periféricas, secularmente sem voz, vivendo sem dignidade, seriam assuntos para não atribuir valor literário ao texto de Itamar Vieira Junior? É preciso investir nesse tipo de crítica para que a literatura emergja sem o ranço dos preconceitos de classe, e possa ser mais democratizada.

## Referências

ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGAMBEN, G. **Qu'est-ce que le contemporain?**. Tradução de Maxime Rovere. Paris: Payot & Rivages, 2008.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009

ALEKSIEVITCH, S. **Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear**. Tradução de Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 383p. Título original: Чернобыльская молитва: Хроника будущего.

CAGIANO, R. **Livro 'Torto arado' revela o drama do interior do país**. Correio Braziliense, São Paulo, 27 de jul. de 2019. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/27/interna\\_diversao\\_arte,774149/livro-torto-arado-revela-o-drama-do-interior-do-pais.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/07/27/interna_diversao_arte,774149/livro-torto-arado-revela-o-drama-do-interior-do-pais.shtml)>. Acesso em: 10 de fevereiro. de 2023.

CANDIDO, A. C. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos, 1750-1830**. (1959). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

FLORES, Á. Magic Realism in Spanish American Fiction. **Hispania**, XXXVII, maio de 1955, p. 190.

GABRIEL, R. S. **A poética do sertão pelo bem-sucedido "Torto arado"**. ÉPOCA, São Paulo, 22 de ago. de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/cultura/a-poetica-do-sertao-pelo-bem-sucedido-torto-arado-23894455>>. Acesso em: 15 de fevereiro. de 2023.

GONZÁLEZ CASANOVA, P. Colonialismo interno (uma redefinição). **A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994

JOBIM, J. L. **Literatura e Cultura: Nacionalismo, Regionalismo e Globalização**. Memórias da Borborema: reflexões em torno de regional / Ana Cristina Marinho Lúcio / Diógenes André Vieira Maciel (Org.). – Campina Grande: Abralic, 2013.p.11- 26. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/downloads/livros-produzidos-pela-gestao/01-MEMORIAS-DA-BORBOREMA.pdf>>. Acesso em: 01 de mar. 2022

LÚCIO, A. C. M.; MACIEL, D. A. V. (orgs.). **Memórias da Borborema: Reflexões em torno do regional**. Campina Grande: Abralic, 2013.

PELLEGRINI, T. **Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2008.

PELLEGRINI, T. **A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado**. Disponível em: Acesso em: 03 mar. 2022.

PERRONE-MOISÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

REIS, Nelson Ricardo Guedes dos. **Torto arado**. Crítica de Rodapé, Belo Horizonte, 11 de ago. de 2021. Disponível em: <<https://www.criticaderodape.com.br/post/torto-arado>>. Acesso em: 14 de fevereiro. de 2023.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Editora, 2019.

SANTINI, J. **A Formação da Literatura Brasileira e o Regionalismo. O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 2011, p. 69-85.

SILVA, A. P. D. **O tema LGBT como motivador da autopublicação de grupos culturais minoritários**. In: Vanessa Riambau Pinheiro e Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Literatura e Minorias: Diálogos II, Jundiaí, 2021, p. 95-120.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAVARES, S. **Crítica: "Torto arado", de Itamar Vieira Junior**. São Paulo Review, São Paulo, 20 de jan. de 2021. Disponível em: <<http://saopauloreview.com.br/critica-torto-arado-de-itamar-vieira-junior/>>. Acesso em: 10 de fevereiro. de 2023.

TOLENTINO, L. **O Brasil profundo em Torto arado**. Carta Capital, São Paulo, 02 de abr. de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/o-brasil-profundo-em-torto-arado/>>. Acesso em: 10 de fevereiro. de 2023.

VIEIRA JUNIOR, I. **Entrevista ao programa Roda Viva**, 15 de fevereiro de 2021.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.